

23/5/98 A18

# Mata atlântica está a um passo da extinção

**Estudo divulgado ontem revela que florestas foram reduzidas a apenas 7% da área original**

LIANA JOHN

A mata atlântica foi reduzida a apenas 7% da área original e está a um passo da extinção. Entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul, foram perdidos 500.317 hectares de matas primárias, apenas entre 1990 e 1995. Só restam em pé 8.182.095 hectares de florestas, excessivamente fragmentadas. Estas são algumas das conclusões do novo levantamento dos remanescentes florestais, divulgado ontem pela Fundação SOS Mata Atlântica.

O estudo foi realizado com imagens na escala 1:250.000, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), e processamento de informações do Instituto Socioambiental (ISA). O relatório deste ano não incluiu os Estados do Nordeste. Este é o segundo levantamento feito pela SOS Mata Atlântica, nesta escala. O anterior abrangiu o período entre 1985 e 1990, ano em que restavam 8,8% da floresta.

As imagens de satélite mostram um avanço impressionante dos desmatamentos, apesar dos decretos restritivos e das campanhas para salvar um dos ecossistemas de maior biodiversidade do planeta. "A luta, agora, é pelo desmatamento zero", diz Mário Mantovani, da

SOS Mata Atlântica. O estudo atingiu uma qualidade técnica e um nível de detalhe que não foram possíveis alcançar no levantamento anterior. O Instituto Socioambiental conseguiu, por exemplo, mapear uma série de áreas não-analisadas anteriormente, em decorrência da cobertura de nuvens ou da falta de definição sobre o que era exatamente o domínio de mata atlântica.

Na comparação entre os dois levantamentos, verifica-se que o ritmo de devastação diminuiu. De 1985 para 1990, perdemos 6,5% da cobertura florestal, enquanto de 1990 para 1995, a taxa de desmatamento foi de 5,7%. "Mesmo assim, é muito, porque os desmatamentos estão ocorrendo num ecossistema que já foi reduzido a apenas 7% do seu tamanho original", reitera João Paulo Capobianco, do ISA.

Em números absolutos, o maior susto ficou por conta do Rio de Janeiro, com 140 mil hectares derrubados. Em seguida, vem Minas Gerais, com 88.951 hectares de floresta perdidos. O terceiro lugar ficou com o Paraná, com 84.606 hectares. São Paulo aparece na quarta colocação, com 67,4 mil hectares derrubados, e Santa Catarina, em quinto, com 62.919 hectares. Depois vem o Rio Grande do Sul, com 28.793 hectares derrubados, Espírito Santo, com 22.428, Mato Grosso do Sul, com 4.197, e Goiás, com 648. Vale ressaltar que em alguns Estados o domínio de mata atlântica é pequeno, e os números não se referem a outros tipos de floresta.

## PALAVRA DE ORDEM É RECONCILIAÇÃO

Estado	Mata		Desmatamento	
	Área-1990	Área-1995	Hectares	%
ES	409.741	387.313	22.428	5,47
GO	7.119	6.471	848	9,1
MS	43.752	39.555	4.197	9,59
MG	1.214.059	1.125.108	89.951	7,32
PR	1.815.137	1.730.528	84.609	4,66
RJ	1.069.230	928.858	140.372	13,13
RS	535.255	508.482	28.793	5,38
SC	1.729.160	1.666.241	62.919	3,64
SP	1.858.959	1.791.559	67.400	3,62
Total	8.882.412	8.182.095	500.317	5,76

## SP perdeu 3,62% de florestas

Em São Paulo, o ritmo do desmatamento continuou como nos anos anteriores. As áreas derrubadas entre 1990 e 1995 somam 67,4 mil hectares. O Estado perdeu, no período, o equivalente a 3,62% do total de florestas primárias. O grande problema é que os desmatamentos concentraram-se em duas regiões: Pontal do Paranapanema, no oeste, responsável por 10% do total estadual, e Vale do Ribeira, no sul.

No Pontal, segundo avaliação da secretária-adjunta do Meio Ambiente, Vera Bononi, os maiores desmatamentos foram clandestinos e ocorreram em 1994 e 1995. "Os fazendeiros, preocupados com a reforma agrária, desmataram da noite para o dia e implantaram pastagens às pressas, para mostrar produtividade",

conta a secretária. Só no Pontal, a Secretaria fez 121 autuações por desmatamento no período do estudo.

Laury Cullen Júnior, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipe), confirma a responsabilidade de fazendeiros nos maiores desmatamentos. "Os sem-terra não têm infra-estrutura para desmatar assim", diz. "Eles praticam mais a chamada erosão de borda: soltam o gado, retiram madeira aos poucos, caçam, colocam fogo."

No Vale do Ribeira, o quadro é bem mais crítico. Os desmatamentos são provocados por invasões de terras, algumas dentro de parques, como o do Jacupiranga, no médio Ribeira. Alguns invasores embrenham-se mata adentro e vive da extração ilegal de palmito e pequenas roças. (L.J.)

## Detalhamento é importante

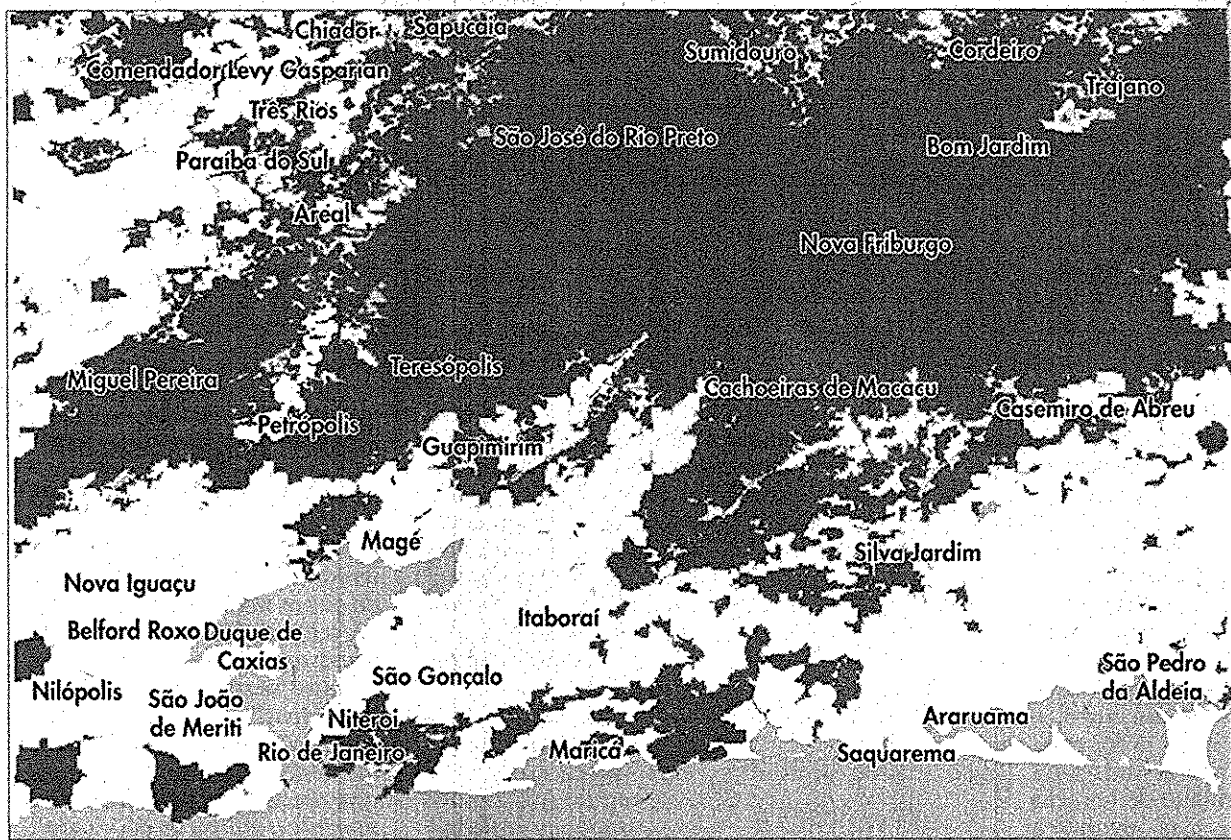
A exemplo do que aconteceu no levantamento dos desmatamentos da Amazônia deste ano, a nova avaliação da mata atlântica também incluiu a classificação por tipo de floresta. O detalhamento é extremamente importante para a elaboração de planos de ação. Na mata atlântica, como na Amazônia, a enorme biodiversidade deve-se justamente à diversificação de fisionomias vegetais, conforme o tipo de solo, relevo, clima, latitude e longitude. Por isso, é fundamental conhecer os detalhes da pressão humana e concentrar esforços na proteção de todos os tipos de floresta e não apenas daqueles que são inviáveis para exploração econômica.

As imagens de satélite ainda foram cruzadas, neste estudo, com os limites municipais, rede hidrográfica e mapa das unidades de

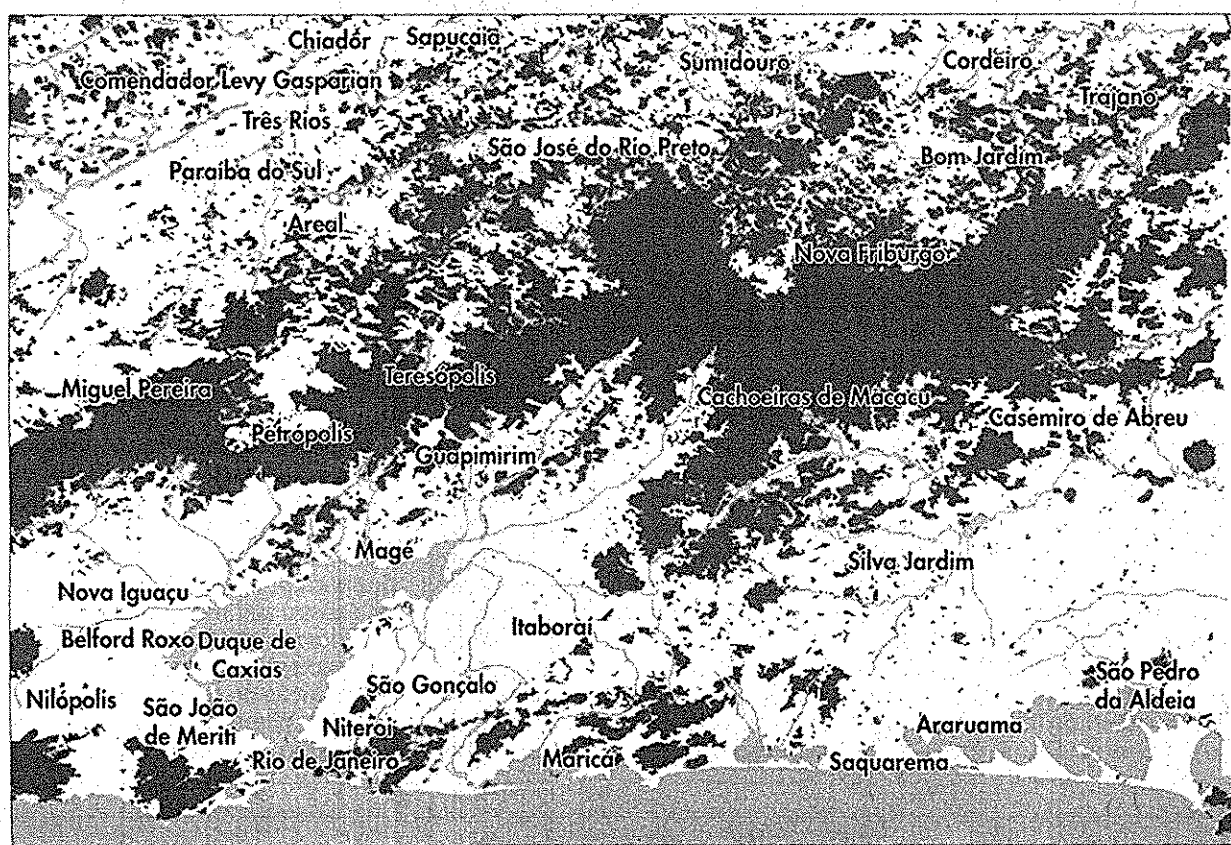
conservação. "Excluímos, também, o que não é domínio de mata atlântica e avaliamos as regenerações em estágio avançado", explica João Paulo Capobianco, do Instituto Socioambiental. Essa informação básica deve contribuir, ele espera, para análises mais precisas e para a elaboração de políticas mais efetivas.

O detalhamento revelou, por exemplo, que a floresta mais próxima da extinção é a ombrófila mista, enquanto que a mais protegida em parques e estações é a ombrófila densa, a floresta das encostas litorâneas. Foram classificados ainda os desmatamentos na mata estacional semidecidual, estacional decidual e ombrófila aberta. A regeneração só foi computada em estágio avançado, ou seja, mata secundária com árvores adultas e dossel fechado. (L.J.)

## É PRECISO PROTEGER TODOS OS TIPOS DE FLORESTA



O Estado do Rio de Janeiro, em 1985: fotografia de satélite mostra área densa de floresta



A imagem da destruição: dez anos depois, em 1995, poucos pontos ainda indicam mata

## Maior desmatamento individual foi detectado no Rio de Janeiro

O maior desmatamento individual detectado no novo estudo da mata atlântica ocorreu no Rio de Janeiro, no município de Trajano de Moraes. Foram perdidos 3.704 hectares de floresta contínua em um só local e 4.420 hectares em todo o município. Como na maior parte da região serrana, a mata deu lugar a pastagens. O desmatamento das encostas íngremes do Rio parece ser uma tendência também no Espírito Santo e em Minas Gerais, onde pastagens de baixa produtividade e plantações de café estão tomando o lugar das árvores. Além da perda da biodiversidade, tal desmatamento aumenta muito o risco de erosão e desabamentos das encostas.

Em todo o Estado do Rio foram desmatados 140.372 hectares entre 1990 e 1995, contra 85.261 hectares derrubados no período de 1985 a 1990. A taxa de perda florestal do Rio, de 13,13%, é a única de dois dígitos, e surpreendeu a todos.

O aumento da devastação em Minas foi outra surpresa desagradável. "Já havíamos feito o monitoramento, sabíamos do resultado e já tomamos providências", afirma José Carlos Carvalho, secretário do Meio Ambiente. As providências incluem mudanças na legislação estadual, incentivos à recomposição florestal e aumento da capacidade de fiscalização.

No Espírito Santo, o nível do desmatamento preocupa, apesar de os números absolutos serem menos expressivos: 22.428 hectares derrubados entre 1990 e 1995 ou 5,47% de perda sobre os remanescentes de 1990. "A maior parte dos remanescentes está em propriedades privadas, e as unidades de conservação no Estado são todas muito pequenas para preservar a

imensa biodiversidade das nossas matas", afirma Sérgio Lucena, do Museu de Biologia Mello Leitão. O Espírito Santo detém o recorde mundial de biodiversidade de espécies arbóreas, com a marca de 476 árvores diferentes identificadas em 1 hectare de floresta. Essa riqueza

## DEVASTAÇÃO AUMENTA RISCOS DE DESABAMENTOS

tende a diminuir bastante com o processo de fragmentação florestal. "A biodiversidade existe em decorrência de uma grande variabilidade de tipos de solo, de pluviosidade e de altitude, mesmo em áreas vizinhas", explica Lucena. Isso significa que a preservação de uma única área não garante a preservação da biodiversidade. "Não podemos prescindir das matas particulares, que dão continuidade às unidades de conservação." (L.J.)

## Derrubada diminui no PR e em SC

Os dois vilões do desmatamento na mata atlântica, no estudo anterior, desta vez dão bom exemplo. No Paraná e em Santa Catarina, diminuiu o ritmo de derrubada, ainda que os números absolutos continuem altos. Os 144 mil hectares devastados entre 1985 e 1990, no Paraná, caíram para 84.609 hectares entre 1990 e 1995. O Estado perdeu, no período, 4,66% dos remanescentes anteriormente mapeados. Em Santa Catarina, a redução foi de 99 mil hectares, detectados entre 1985 e 1990, para 62.919 hectares. O Estado perdeu, em 1995, o correspondente a 3,64% dos seus remanescentes.

"A redução demonstra a importância da pressão da opinião pública e do próprio monitoramento", observa João Capobianco, do Instituto Socioambiental (ISA). Segundo ele, os paranaenses e catarinenses assustaram-se ao ser apontados como os vilões, no estudo anterior, e o impacto

refletiu nas ações governamentais e até no judiciário.

Em Santa Catarina, a Procuradoria concedeu uma liminar proibindo os órgãos de fiscalização de emitir licença de desmatamento antes da regulamentação da legislação federal. "Os madeireiros passaram do corte raso para o desmatamento seletivo, cortando com mais critério apenas as espécies nobres", comenta Miriam Prochnow, da entidade ambientalista Apremavi.

Resta ainda conter o uso de árvores nativas para abastecer as estufas de secagem de fumo, uma das maiores causas de desmatamento na Região Sul. Segundo cálculos da Apremavi, as 122 mil estufas de secagem de fumo do Sul consomem cerca de 8,5 milhões de me-

tros cúbicos de lenha por ano, e apenas 30% deste total é proveniente de reflorestamentos comerciais.

No Paraná, a legislação restritiva, que proíbe o corte de mata atlântica desde 1993, também imobilizou os madeireiros.

## ESTADOS FORAM OS VILÕES DA PESQUISA ANTERIOR

"É preciso ponderar, entretanto, que a floresta densa, no Paraná, só existe agora onde sua exploração não é economicamente viável", lembra Teresa Urban, do Fórum Pró-Conservação da Natureza. "Na floresta mista, de pinheirais, a devastação continua." Os números confirmam a observação da ambientalista. Do total desmatado no Paraná, 73,8%, ou 58.848 hectares, foram derrubados na floresta ombrófila mista, a floresta de araucária (pinheirais). (L.J.)